



41º. ENCONTRO DE ESCRITORES PARA A PAZ

25-29 DE Março de 2009 – Bled (Eslovénia)

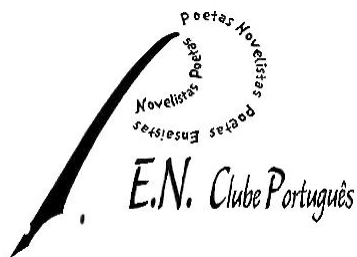
Relatório: **O *basso continuo* do passado e a recuperação do medo e da esperança**

Por que razão não havemos de resgatar as boas tradições europeias – aquelas que nos permitem construir pontes para o futuro? As três mesas redondas do encontro anual de Bled pretendiam centrar-se no passado recente dos países balcânicos e das suas feridas ainda em estado de cicatrização, com um desvio intencional no seu termo para o problema israelo-palestiniano. Presentes estavam 70 escritores de 24 centros, para além de representantes da direcção do P.E.N. Internacional.

Logo na comunicação inicial da primeira mesa redonda sobre “A idade da libertação”, o escocês Paul Henderson Scott lembrou a defesa, por filósofos setecentistas como D. Hume e A. Ferguson, das possibilidades de realizar a democracia em países pequenos. E assim surge a questão da identidade de um país associada a formas de resistência contra um opositor, seja a Inglaterra que teria deixado (nas palavras de PHS) a Escócia quase intacta, ou o regime de Tito no caso da Eslovénia, que de acordo com France Bučar (ensaísta e obreiro da Constituição do seu país) teria possibilitado uma consciência identitária não xenófoba, pronta a inserir-se rapidamente na comunidade europeia e a servir de intermediário em conflitos de países próximos. As formas de libertação têm várias faces e lutam em várias frentes, contra “tentativas liberticidas” (Sylvestre Clancier, do Centro francês) ou contra a “estupidez” do conformismo indiferente – guerra vã, mas ainda assim necessária, sublinhou Jiří Dědeček, do Centro checo (poeta que após os trabalhos canta os seus poemas acompanhado à viola e que confessa ganhar num concerto mais do que com a publicação de um livro).

A segunda mesa redonda (“O papel da cultura na idade da libertação”) foi assim uma confirmação das hipóteses lançadas na primeira. Como lembrou Edvard Kovács (do Centro esloveno e presidente do Comité de Escritores para a Paz do P.E.N. Internacional) usando uma metáfora musical, uma visão democrática não seria uma prática exclusiva de solista nem de chefe de orquestra, mas sim a de um solista capaz de integrar-se tanto num conjunto de câmara como numa orquestra.

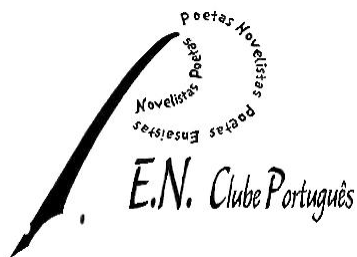
O presidente da República eslovena, Danilo Turk, participou na discussão (após uma recepção oficial) sublinhando a necessidade de se estar atento ao absurdo da vida quotidiana, aos seus paradoxos. Na sua qualidade de académico, D. T. interrogou-se como



poderia o pensamento humano lidar com tantas mudanças bruscas, na medida em que vinte anos atrás os regimes comunistas ainda pareciam inabaláveis e na actualidade já nos defrontaríamos com outros paradoxos, tais como a divinização do individualismo e a nova censura do politicamente correcto. Zvonimir Radeljković, do Centro da Bósnia-Herzegovina, recordou o florescimento da vida social durante o cerco de Sarajevo e da experiência de trabalho na rádio nesses dias sitiados, desde o caminho a pé sob a ameaça dos franco-atiradores até à experiência “multicultural” da utilização de música *country*, para muitos de nós considerada retrógrada, mas por ele usada como oposição à música sérvia ou muçulmana ou croata. Mas as feridas ainda estavam presentes: se Basri Çapriqi, do centro kosovar, evocou momentos anteriores à independência do seu país, logo a seguir o sérvio Vladislav Bajac insistiu em sublinhar que a realidade é tudo menos linear e que ele próprio se teria demitido como editor no início dos anos 90 contra o *mainstream* da política editorial, deixando entrever como a cultura configura formas de existência paralela. Dos riscos de resistência falou Entela Kasi, do Centro albanês, bem como Juraj Šebesta, do Centro eslovaco, que mencionou o “criptocriticismo” das peças e da teatralidade das manifestações de há vinte anos, tentando demonstrar como a revolução de veludo teria sido possível com a sua ausência de violência por ter sido controlada por estudantes e artistas. (Quando lhe fui dizer que o mesmo se tinha passado em Portugal com a revolução dos cravos, respondeu que desconhecia a sua existência...).

A terceira mesa redonda (“As figuras femininas na literatura como caminho para a paz”) suscitou alguma polémica devido à declarada saturação face aos habituais clichés. Interessante foi a menção por Sylvestre Clancier à protagonista do romance “Sept pierres pour la femme adulte” (2007), como uma figura para além do bem e do mal, conhecedora dos tabus mas sobretudo cuidando dos seus. Franca Tiberto (Centro suíço italiano) constatou o incómodo de palavras como guerra (pelos monstros que evoca e produz) e paz (pelos abusos a que estaria sujeita), rematando que reflectir sobre figuras seria uma viagem interminável.

Tão interminável, ousaria dizer, como o caminho das interrogações nas terras minadas do Médio Oriente, na discussão que se seguiu em torno desta constante preocupação para o Comité dos Escritores para a Paz. O israelita Sami Michael avançou propostas de diálogo a vários níveis, transversais às conversações, ou ausência delas, por parte dos políticos: a todas elas estaria subjacente a intenção de ver o Outro como uma imagem de nós, como um *alter* e não como um *alius*. A discussão tomou aqui uma dimensão de proximidade extensiva a todos os participantes, na sua dimensão actual de trágica insolubilidade a curto prazo – dimensão que mostra também a sua dobra de indizível.



Para além da reunião anual dos membros do Comité de escritores para a Paz do P.E.N. Internacional, visitou-se o museu da cidade de Ljubljana, onde as figuras da exposição temporária de obras de Marc Chagall recordavam o absurdo evocado pelo presidente esloveno, e onde teve lugar uma sessão literária, a juntar-se a outras sessões anteriormente ocorridas de leitura de textos e reflexão sobre as potencialidades e limites da palavra dita, escrita e lida.

Visitou-se ainda Kranj, cidade natal do poeta esloveno France Prešeren (1800-1849) com um núcleo urbano muito *mitteleuropeu* e bem preservado. Marjan Strojjan, presidente do Centro esloveno, recitou (à chuva) um breve poema de FP:

Sem dolgo upal in se bal,
slovó sem upu, strahu dal;
srcé je prazno, srečno ni,
nazaj si up in strah želi

[Muito esperei e também muito receei,
despedi-me da esperança e do receio;
meu coração está vazio, não conhece a felicidade,
e deseja recuperar esperança e receio.]

Buscando novas artes, novos engenhos, deparamos com a poetisa contemporânea Barbara Simoniti (n. em 1963 e presente no encontro):

Stalno me
spremlja
basso continuo
preteklosti,
moj drugi jaz,
neuslišani
glas,
ki sem ga pustila
nekoč
nekje
ob poti.

[Sou sempre
Acompanhada
pelo *basso continuo*
do passado,
o meu outro eu,
a insegura
voz
que deixara para trás
uma vez
algures
no caminho.]

Mas podemos perguntar-nos qual é esse passado que ainda não acabou de passar (na conhecida citação de Faulkner por mim referida no texto que apresentei ao encontro, disponível neste *site*), a não ser aquele cuja memória está ainda próxima e dorida e que nos é mostrado pela literatura até que ponto, ainda e sempre, nos diz respeito.

29.3.2009

Teresa Salema (delegada do Centro português)